

CANUDOS DA VELHA REPÚBLICA: DA EPOPÉIA ÀS REFORMAS EUCLIDIANAS

Ana Laura Mendonça CARDIA*

RESUMO: Este artigo retoma a temática euclidiana desenvolvida anteriormente (Cardia, 1995-1996), que agora recebe abordagem mais ampla, qual seja: o tratamento conferido à obra euclidiana, em especial à sua tônica sócio-literária a respeito da Revolta de Canudos, durante a Primeira República, juntamente com os problemas advindos desse novo regime de governo, de que se exige um conjunto de reformas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Social - Revolta de Canudos - Primeira República - Regime Republicano Federativo.

I.

Juntamente com Machado de Assis e Raul Pompéia, Euclides da Cunha é considerado, por Franklin de Oliveira, como um dos autores brasileiros cujas obras distam das normas ético-artísticas vigentes no primeiro período republicano brasileiro. Analisando a sua obra máxima, *Os Sertões (Campanha de Canudos)*, de 1902, Afonso Arinos de Melo Franco ressalta a tragédia do desenvolvimento entre a força intelectual renovadora e o meio social retardatário. Por seu turno, José Maria Bello, afirma: "Um livro grave, onde se agitam alguns problemas capitais da nossa vida política e social".

De acordo com Silvio Romero, d'*Os Sertões pode-se tirar uma lição de política, de educação demográfica, de transformação econômica, de remodelamento social*. Segundo Tristão de Athayde *Um estadista do Império*, de Joaquim Nabuco e *Os Sertões*, são o par de

* Mestre pelo Prog. de Pós-Graduação em Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara - SP.

grandes obras de nossa literatura. Ao que possuíam em comum, observara Gilberto Freire:

Tudo indica que tanto Euclides como Nabuco, se fossem homens de trinta anos diante dos problemas de hoje e no Brasil dos nossos dias (1944), estariam entre os escritores chamados indistintamente 'da esquerda', embora nenhum deles fosse por temperamento ou por cultura inclinado àquela socialização da vida ou àquela internacionalização de valores que importassem em sacrifício da personalidade humana ou do caráter brasileiro. (Freire, 1944, apud Bosi, s.d., p.38)

Por sua vez, Afrânio Coutinho afirma que a obra euclidiana é "uma obra de ficção, uma narrativa heróica, uma epopéia em prosa, da família de Guerra e Paz, da Canção de Roland, e cujo antepassado mais ilustre é a Iliada". (Oliveira, 1986, p.207)

Apesar de haver uma concordância entre os vários estudiosos (alguns aqui citados), acerca da existência concomitante do poeta e do ficcionista no autor de *Os Sertões*, ao fazer uso obsessivo da palavra, por vezes sua debilidade, Euclides lançava-se ao campo poético que - no dizer de Ezra Pound - é constituído de expressão verbal, de uma linguagem que, por sua vez, não é feita de coisas concretas.

Vários autores já acentuaram a presença de vocábulos técnicos embutidos na prosa de Euclides como responsáveis, ou co-responsáveis pelo vigor de seu estilo. Certos traços de precisão, concisão, exatidão decorrem desse fato. Mas, o poder de sua frase corre também por conta da adoção de outros recursos de natureza mais tipicamente literária: a utilização dos valores sônicos idênticos, de base consonantal ou vocálica; o emprego da reduplicação vocabular; o uso da antítese continuada; o apelo à hipérbole, ao paradoxo, ao oxímoro. Sobretudo, à sua tendência incoercível para jogar com os adjetivos ou transformar quase tudo em adjetivo, ou a quase tudo dar função qualificativa... Toda a arte de Euclides oscila entre expressionismo e impressionismo. Quando ele atua expressionisticamente, não nos oferece as coisas, mas a idéia das coisas, a idéia do objeto - pensa e sente subjetivamente as coisas. De onde sua tendência para a personificação, a espiritualização do inanimado, a

simbolização, a dessexualização... Da técnica impressionista, tomava Euclides o processo de despojar as coisas das correções e retificações lógicas que o homem introduz nos objetos. A qualidade passava então à condição de representação primeira e imediata. De onde sua tendência panteísta, seu animismo e o seu realismo mítico como método de penetração na realidade. De onde também o seu gosto da onomatopéia, na elaboração estilística, isto é, na representação literária da realidade. Há, em Euclides, como sinal de sua concepção, uma tendência constante para a antropomorfização. Tudo ele vivifica, numa ânsia de extrair do universo um mistério trágico que não está nas coisas, a não ser como doação de seu ser aos objetos. (Oliveira, 1986, p. 211-2)

Ora, a linguagem literária euclidiana - com sua concretude, aspereza, *costuradas pelas trágicas realidades brasileiras* - consegue transmitir, como uma obra de arte, a emergente consciência da complexidade dos problemas nacionais: sua linguagem mostra-se eloqüente e permanece viva porque fôra alimentada por uma forte consciência social, a qual fez Euclides abandonar o caráter diletante da literatura para imprimir uma postura missionária ao seu trabalho literário, no sentido de ação.

Embora não tenha dado a devida importância ao estudo das causas econômicas no caso de Canudos, visto possuir um espírito positivista - norteado pelo *fatalismo geográfico e antropológico*, calcado no *materialismo mecanicista* - ao tentar deixar de lado a explicação geográfica e racial, apóia-se em outra interpretação: a psiquiátrica, embasando-se em Rodrigues (1939).

Só em 1904, com *Um Velho Problema* - um de seus valiosos artigos do clássico *Contrastes e Confrontos* - Euclides tateou uma forma de dialética sócio-econômica. Ao comentar o mencionado estudo feito por Franklin de Oliveira, Bosi (s.d., p.125) ratifica a evolução da obra euclidiana: "de um determinismo racial e psicológico(...), patente em *Os Sertões* a uma forma de dialética sócio-econômica cujo melhor testemunho se acharia nas páginas de *Um Velho Problema*, insertas em *Contrastes e Confrontos*". Nesse artigo, depara-se com um Euclides maduro, em que ironiza as utopias igualitárias do Renascimento e do Iluminismo, a história e a ascensão da burguesia pela Revolução Francesa, e rejeita os princípios

de Proudhon, Fourier e Louis Blanc, mas considera, ao cabo, *firme, compreensível e positiva* a linguagem do marxismo. Mesmo assim, ainda mantém estreita afeição ao evolucionismo, assinalando o processo normal das reformas lentas que, continuamente melhoradas, operam na consciência coletiva e refletem-se pouco a pouco na prática, nos costumes e na legislação escrita. Inclusive, enriquecia seu instrumentalismo sociológico com a visão econômica dos fatos sociais, talvez crendo poder contornar o uso do materialismo mecanicista - geográfico, racial - que hoje compromete seu grande livro. Na apresentação desta obra, Raymundo Padilha argumenta que

... embora uma coletânea de artigos e conferências(...) ao longo de cerca de dois mil trabalhos publicados da bibliografia euclidiana, 'Contrastes e Confrontos' mostramos a diversidade dos conhecimentos do escritor, o equilíbrio da sua formação cultural a que não faltavam as bases científica e filosófica, o patriotismo onipresente e, tudo harmonizando, a riqueza formal(...) Não é demais, porém, referir a atualidade dos temas que examinou nestas páginas. Assim, no começo do século, o problema da Amazônia era colocado diante dos brasileiros e políticos, em termos que traduziam a lucidez do observador, sem ocultar a impaciência do patriota. As relações múltiplas do Brasil com as Repúblicas do continente americano são objeto de conceitos que continuam a requerer a nossa meditação como quando foram enunciados. E alarga-se a seqüência de tópicos atualíssimos, como a advertência contra o medo que, já naqueles dias, se preocupava inculcar no povo brasileiro, relativamente às nações em mais elevado estágio de desenvolvimento, medo que preferia Euclides da Cunha se voltasse para os riscos de destruição do nosso solo e das nossas matas, no que hoje [1974!] se denomina reflorestamento, conservacionismo e combate à poluição. (Cunha, 1975, p.5-6)

Neste livro, no qual estuda a realidade sócio-política brasileira dos primórdios republicanos - a respeito de *um singularíssimo direito* - direito sobre roubos - Euclides discorre sobre S. Thomaz de Aquino, passando por Thomaz Morus e Condorcet, até chegar ao século XIX, e mais especificamente em Karl Marx - porque foi com este inflexível

adversário de Proudhon que realmente o socialismo científico começou a ser delineado com maior precisão:

A exploração capitalista é assombrosamente clara, colocando o trabalhador num nível inferior ao da máquina... Neste confronto se expõe a pecaminosa injustiça que o egoísmo capitalista agrava, não permitindo, mercê do salário insuficiente, que se conserve tão bem como os seu aparelhos metálicos, os seus aparelhos de músculos e nervos; e está em grande parte a justificativa dos socialistas no chegarem todos ao duplo princípio fundamental: Socialização dos meios de produção e circulação; Posse individual somente dos objetos de uso... Realmente, as catástrofes sociais só podem provocá-las as próprias classes dominantes, as tímidas classes conservadoras, opondo-se a marcha das reformas ... Porque o caráter revolucionário do socialismo está apenas no seu programa radical. Revolução: transformação. Para conseguir, basta-lhe erguer a consciência do proletariado, e... aviventar a arregimentação política e econômica dos trabalhadores. Porque a revolução não é um meio, é um fim; embora, às vezes, lhe seja mister um meio, a revolta. Mas esta sem a forma dramática e ruidosa de outrora. As festas do primeiro de maio são, quanto a este último ponto, bem expressivas. Para abalar a terra inteira, basta que a grande legião em marcha pratique um ato simplíssimo: cruzar os braços... Porque o seu triunfo é inevitável. Garantem-no as leis positivas da sociedade que criarão o reinado tranqüilo das ciências e das artes, fontes de um capital maior, indestrutível e crescente, formado pelas melhores conquistas do espírito e do coração... (Cunha, 1975, p. 210-3)

Mas *Os Sertões* tem algo de perpétuo, qual seja: *seu caráter de obra de arte literária*. A grande contribuição de Euclides residiria, portanto, no despertar de nossa consciência crítica.

... revelou ao Brasil o sertão da mesma forma pela qual nos iria depois revelar a Amazônia, nas páginas de *À Margem da História*. Euclides chegou a pensar em seu segundo 'livro vingador': Um Paraíso Perdido - este seria o título, e, a temática, a Amazônia. Vários ensaios de *À Margem da História* equivalem a capítulos desse livro frustrado. Outro tanto se poderia dizer dos ensaios 'Conflito Inevitável',

'Contra os caucheiros'. 'Entre o Madeira e o Javari', os quais constituem parte de *Contrastes e Confrontos*. 'Terra sem História', com que abre, *À Margem da História*, poderia ser considerado como 'exercício' para Um Paraíso Perdido. Outro 'exercício' seria 'Um clima caluniado'. Todos esses ensaios, reunidos ao estudo sobre Floriano, às páginas sobre viação férrea e a revolta da Esquadra (estes últimos de *Contrastes e Confrontos*) apresentam um Euclides da Cunha mais maduro que em *Os Sertões*, maturidade indicada inclusive na estrutura estilística, mais condensada, de uma economia literária mais contida. Há uma maior decantação de forma, embora em um que outro passo irrompa o antigo e agreste Euclides. Essas virtudes maduras atingem seu momento mais alto nas páginas serenamente vigorosas de Peru versus Bolívia. (Oliveira, 1986, p.215-6)

II

Em seu artigo, Ventura (1994) discorre acerca do surgimento das epopéias modernas e relata que Euclides, no ano de seu falecimento (1904), vinha redigindo um vultoso livro sobre a Amazônia, intitulado *Um Paraíso Perdido*, pelo qual foi o primeiro autor brasileiro e em âmbito mundial a narrar o impacto da civilização burguesa com relação à floresta amazônica, como já tinha feito no tocante ao sertão baiano, em *Os Sertões*. Nesse aspecto, Euclides possuía uma visão do *deserto* ao modo do grande poeta moderno Elliot¹, o qual escreveu *A Terra Devastada*, o primeiro grande épico a tratar, com uma preocupação ecológica e humanista, das devastações mundiais pelo progresso do capitalismo.

A respeito da obra clássica de Euclides, o historiador Ventura esclarece, em entrevista concedida ao jornal *Folha de S. Paulo* no ano de 1996, o fervilhar das *imagens geológicas*, devido ao trabalho de Euclides na época, *como engenheiro de obras públicas*, na cidade de S. José do Rio Pardo, local em que escrevera *Os Sertões*, entre 1899 e 1901. Ademais, a atualidade da mencionada obra reside em dois âmbitos: primeiro, na esfera

¹ Dentre outras obras, Tomas Stearns Elliot (1888-1965) publicou, *Poetry and Drama*. London: Faber and Faber, 1951; e pela mesma editora, *Collected Poems: 1909-1962*.

estético-literária, por sua escrita virtuosíssima, muito imagética, com um uso admirável da retórica; e segundo, na esfera da interpretação histórica, por ter sido a primeira tentativa ambiciosa de compreensão global do país a partir do estudo da cultura do sertão. Contudo, alguns temas levantados no livro são criticáveis, tais como: a teoria racial datada, que endossa o ponto-de-vista da inferioridade do negro e do mestiço, e a visão negativa e preconceituosa que Euclides tinha de Canudos e da atuação do Conselheiro. Quanto à preconceituosidade em Euclides, esta só perdurou a princípio. Posteriormente, constataria aquele escritor fluminense que fôra mesmo um genocídio ocorrido em Canudos. (Sodré, 1959, p.28-9)

Não obstante, a chave interpretativa de análise dessa obra máxima de Euclides - como epopéia - não se encaixa na temática messiânica, mas na absorção do estilo irônico por este escritor fluminense: característica da prosa e da poesia modernistas.

De acordo com Ney Vieira², *Os Sertões* está no limite entre o literário e o não-literário. Discorda de Costa Lima, cuja argumentação insiste em reiterar que a obra de Euclides não pode ser literária por não conter o ficcional. Apesar de Antônio Conselheiro ser um personagem histórico, assim como Rodrigues Alves, argumenta Vieira, o distanciamento em relação aos fatos faz com que as personagens daquela época, tenham - ou melhor - adquiram características míticas, ficcionais, disso resultando a dificuldade em separar a personagem histórica da fictícia.

Galvão (1985) colheu notícias de jornal que relatavam Canudos (BA) e aquelas veiculadas no Rio de Janeiro, em que davam uma versão diversa da oferecida pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, do qual Euclides fez uso para redigir *Os Sertões* - já que era correspondente especial deste para cobrir a guerra em Canudos. Ao mapear a lenda de Canudos nas suas várias versões, percebeu que as mesmas se anulam. Cada versão imagina o seu Conselheiro, a sua Canudos, dificultando a separação entre o fato e a fantasia.

Segundo Francisco Foot Hardman, Canudos é considerada como uma prosa do tipo *épica*. *Epos* e ficção constituem a área central da literatura - correspondendo, respectivamente à poesia lírica (sonho, visão,

² Prof. do Depto de Antropologia, Filosofia e Política da FCL-UNESP-Araraquara.

em que o narrador dialoga com si próprio) e ao drama (ligado ao ritual). Em *Os Sertões*, a Épica se metamorfoseia o aparente discurso direto, argumentativo, lógico, causal, é uma camuflagem, uma mimese - uma imitação do discurso direto. Porém, a ficção oculta o épico, a epopéia. Exemplo de mimese é o caso das *Memórias de Subsolo*, de Dostoiévsk, em terceira pessoa, em que há uma narrativa da consciência desencontrada, um homem que acredita no progresso mas teme o médico pela necessidade de verificar se contraiu câncer hepático - como se fosse um discurso científico.

Já Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, fôra hábil duplamente: ao dissimular o gênero memórias (este era um disfarce romanesco) usando a terceira pessoa, fez parecer que era história aquilo que era ficção. Além disso, utilizou-se do discurso da lírica e da épica. Por conseguinte, em Machado, a ficção não eclipsa o épico, ao contrário do que ocorre comumente nos gêneros literários contemporâneos, no conto, no romance, nos quais a ficção rouba o lugar da epopéia.

Infelizmente, Euclides não viveu para completar sua epopéia amazônica à altura de sua obra-prima que são *Os Sertões*. E a narrativa euclidiana teve a perspicácia, dentro dos parâmetros marxistas, de entrever o progresso capitalista, das forças produtivas como um construtor de ruínas, dando-se isso pelo fato de que o capitalismo, nas suas fases expansivas, tenta queimar etapas que se chocam com a civilização e com a natureza presentes.

Apesar de Euclides ser positivista e darwinista, a natureza não é vista como algo benéfico: toma a natureza como um fim em si mesmo, insondável, labiríntica, impondo resistência à civilização, apesar desta ser inexorável. A ironia filosófica é, portanto, montada em ambigüidades, aforias e equívocos e nunca puramente fixada de maneira categórica.

III

Dentro do contexto do desenvolvimento do regionalismo brasileiro no século XIX, *Os Sertões (Campanha de Canudos)*, segundo Dante Moreira Leite, traz um tom de revelação sobre uma região desconhecida do país, e primordialmente, de um novo modo de interpretar a

conjuntura nacional. Este estilo adquire uma visão social e histórica, ao buscar descrever a revolta de Canudos e tentar encontrar uma explicação para o seu surgimento.

... concorre, é certo, o estilo de Euclides, capaz de transmitir ao leitor a vibração de revolta diante dos acontecimentos de Canudos; além disso, como o livro pretende ser estritamente realista e, mais ainda, um livro de ciência, a sua prosa dramática adquire, talvez por estar contida nos limites da realidade histórica, uma intensidade que não teria na ficção(...) se continua ou continuará a ser uma obra-prima da literatura brasileira, isso se deve às suas qualidades formais e à visão humana que Euclides conseguiu transmitir(...) sua repercussão só pode ser explicada por qualidades formais, pois o estilo de Euclides parece ter feito as delícias de várias gerações de críticos e escritores, com prejuízo até da compreensão e do conhecimento de suas idéias básicas. (Leite, 1992, p.205)

Para Monteiro (1985), são escassas as informações acerca da vida societal em Belo Monte - verdadeiro nome de Canudos - constante nos manuscritos deixados por Antônio Conselheiro, descobertos 77 anos após aquele lamentável episódio de nossa história, no ano de 1897. Formado num curto espaço de tempo, perdurando apenas por quatro anos - de 1893 a 1897 - estima-se que ali habitou aproximadamente uma população entre 20 a 30 mil habitantes. Havia, conforme testemunho do Barão de Geremoabo (Cunha, 1975, p.140), um grande movimento emigratório da Bahia e de outros estados limítrofes, inclusive o abandono de territórios vários por parte de seus habitantes para se juntarem ao Conselheiro.

De acordo com Queiróz (1965, p.207), ao contrário do que acreditava Cunha (1975, p.150), o povoado de Canudos formou-se pela emigração de grupos familiares e que "econômica e socialmente, eram em sua maioria, indivíduos de algumas posses - casa, terras, algum gado..." (Queiroz, 1965, p.208), contrariando que o arraial seria "um homizio de famigerados facinoras" (Cunha, 1975, p.146) e um "albergue de inválidos" (Monteiro, 1985, p.62). Em suas prédicas, Conselheiro possuía uma postura teocrática no tocante à política:

só a Deus se deve adorar. o verdadeiro Rei. , a quem, em primeiro lugar, se deve obediência() A legitimidade da autoridade do pontífice, do príncipe e do pai, é consequência direta do fato de que procede de Deus. Como as autoridades da República não dispõem desta garantia, são más por princípio, mesmo que, eventualmente, tragam o bem para o país. (Nogueira, 1964, p.561)

Fundamentada nestas concepções, a rebeldia conservadora de Conselheiro considerava a República, proclamada quatro anos antes da fundação de Canudos, um grande mal para o Brasil. Isto porque, em suas prédicas, caracterizou-a como exterminadora da religião, opressora da Igreja e dos fiéis, o ludíbrio da tirania. Assim, fazendo uso das palavras *tirano* e *tirania* para designar um mando ilegítimo - o qual não procede de Deus, a quem primeiro se deve obediência - Conselheiro contesta a autoridade do presidente da República. (Nogueira, 1964, p.561-4)

Nicolau Sevcenko relata que Euclides - ao comentar que a sociedade, nascida com o novo regime republicano, passava por um turvo processo de desencanto, originando uma época de cerrado utilitarismo, em que a situação é dos espertos - entendia tal fenômeno de dissolução social como propiciador de estagnação, de impotência frente aos problemas dessa sociedade - o que deixava o autor com um *desgosto resignado*. Todavia, era possuidor de uma idéia muito particular acerca da República. Para ele, esse regime tinha dois tipos de vantagem:

... de eliminar os privilégios de origem e de deixar aflorar os talentos dispersos pelas várias camadas sociais, através de um minucioso processo de filtragem democrática, conduzindo-os ao topo do mecanismo das decisões: seria pois o regime por excelência das grandes capacidades e da mais elevada racionalidade. (Sevcenko, 1983, p.147)

Contudo, no Brasil verificou-se um aparecimento sequioso de rendas e de novos cargos, baralhando os papéis e invertendo radicalmente estas expectativas. Dessa maneira, Euclides não economiza palavras a fim de ratificar que a República *desmoralizara a História do Brasil* e que, também, promovera a desmoralização do país frente ao mundo. Particularmente quanto ao governo do Mal. de Ferro e a guerra de Canudos,

a campanha de Canudos opunha, igualmente, uma à outra essas duas linhas históricas, o que o jovem correspondente de guerra Euclides da Cunha (1866-1909) estava percebendo muito bem e que, na inevitável falta de perspectiva dos contemporâneos, traduzia-se como a luta ciclópica entre o Antigo Regime, ainda ameaçador, e a nova democracia que os guerreiros adolescentes da República carregavam como um cravo vermelho na ponta dos fuzis(...) os legionários da República eram também os sub-rogados do jacobinismo florianista, e não apenas como figura de linguagem: basta lembrar que Moreira César, cuja morte em campanha desencadeou a verdadeira onda repressiva contra Canudos, fora o responsável pelas espantosas violências punitivas do Desterro contra os revolucionários de 1893. Por condenáveis e excessivas que tenham sido, seria errôneo ignorar que essas eram também manifestações nacionalistas, isto é, que o país vivia então um momento de intensa busca identificatória, expressa, felizmente, em acontecimentos mais espirituais. (Martins, 1977-78, p.3)

Com efeito, Euclides tinha total desprezo, e isso não procurava esconder, pelo regime oligárquico que continuara com a República. Daí, percebera ele, advinham suas próprias dificuldades, bem como aquelas referentes à sociedade brasileira. Porém, doía-lhe mais o ambiente de indiferença e passividade que sufocavam pelo silêncio e pelo desprestígio os seus melhores esforços.

... estes perigos - alemão, ianque ou italiano - ou ainda outros rompentes ao calor das fantasias, e que se nos figuram estranhos - são claros sintomas de um perigo maior, do perigo real e único que está todo dentro das nossas fronteiras e irrompe numa alucinação da nossa própria vida nacional: *o perigo brasileiro*(...) Teríamos de contemplar, na ordem superior dos nossos destinos, o domínio impertinente da velha tolice metafísica, consistindo em esperarmos tudo das artificiosas e estéreis combinações políticas, olvidando que ao revés de causas elas são meros efeitos dos estados sociais; e aos desastrosos resultados de um código orgânico, que não é a sistematização das condições naturais do nosso progresso, *mas uma cópia apressadíssima, onde prepondera um federalismo incompreendido, que é o rompimento da solidariedade nacional...* (Cunha, 1975, p.175-6)

Não obstante, suas ações não são de resignação frente à desgraça. Ao contrário, são esses obstáculos à concretização de seu ideal que mais estimulam sua postura inconformista e combativa. Nesse contexto de turbulência republicana, Euclides traça todo um programa capaz de restabelecer moralidade, dignidade e racionalidade perdidas: "(...) ensejando um conjunto de reformas que se alinhavam num projeto alternativo para o encaminhamento da sociedade brasileira." (Sevcenko, 1983, p.148) O pressuposto dessa consequência de reformas seria necessariamente o aceite da *superioridade do saber científico* e da sua capacidade singular em conduzir de modo firme e correto a sociedade brasileira. Isso posto, faria-se necessário a postura catalizadora desse *impulso reformista* do Estado, para garantir a sua continuidade. E, como complemento, o governo teria que atuar juntamente com uma elite técnica e científica altamente qualificada. Assim, estariam reunidas as condições e os recursos necessários para restabelecer a vitalidade e a credibilidade do Brasil. Para tal empreitada, deveria-se eliminar as oligarquias e seus regimes de mazelas - o que implicaria numa reforma constitucional: "(...) o objetivo mais premente seria a incorporação do sertão e da sua gente aos núcleos ativos da vida civil e econômica estabelecidos no litoral e nos grandes centros urbanos." (Sevcenko, 1983, p.149) Isso implicaria numa garantia do pleno direito de cidadania às populações sertanejas, integrando o país e consolidando o mercado interno, através de uma densa rede de comunicações com os centros decisórios nacionais.

Com isso, Euclides tem em suas concepções a idéia positivista de Estado, de política e de sociedade. Pelo seu apego às teorias de Spencer, no entanto, vê no conceito de evolução a lei fundamental da história, o qual deveria englobar concomitantemente os âmbitos orgânico, social e ético. Ademais, apregoava o triunfo do industrialismo, como consagração do liberalismo econômico e político, pois, uma vez o Estado tendo cumprido seu papel de organizar o desenvolvimento da Nação, ele deveria recuar-se, restando-lhe, por fim, a garantia da ordem. Portanto, conjugando-se a ação da ciência, da indústria, do direito e do evolucionismo, eis que surgiria a civilização.

Fiel ao liberalismo humanitário inglês, na passagem do século XIX para o XX, bem como ao movimento fabiano, decorre sua outra convicção: o socialismo, interpretado por Euclides no âmbito evolucionista,

sob a égide positivista do *conservar melhorando*. Desde adolescente, acreditava no abolicionismo e na República, norteada pela ciência, indústria, direito, civilização e socialismo - no intuito de atingir a consolidação de seu ideal.

Enfim, Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909) fez parte de uma geração preocupada em discutir os problemas nacionais que emergiram com os acontecimentos de novembro de 1889, pois a República Federativa, o trabalho livre e a imigração de trabalhadores europeus, frutos dos anseios republicanos, não conseguiram desarticular uma estrutura em que as idéias liberais e o patrimonialismo se tensionavam constantemente.

... predominaram a economia agrário exportadora, a política dos governadores manejados pelo governo federal e o patrimonialismo em assuntos privados e públicos. O liberalismo econômico prevalecia nas relações econômicas externas, nas quais sobressaía a Inglaterra. Nas relações internas, entre os setores dominantes e assalariados, predominava o patrimonialismo. Um patrimonialismo que compreendia tanto o patriarcalismo da casa-grande e do sobrado como a mais brutal violência contra os movimentos populares do campo e da cidade. *A repressão posta em prática em Canudos, na Revolta da Vacina, no Contestado e em outros movimentos sociais revelava algumas das possibilidades mais extremas de uma república simultaneamente liberal e patrimonial.* (Ianni, 1994, p.22)

Não obstante às várias interpretações dos autores frente à obra euclidiana, bem como as possíveis imperfeições desta - após discorrermos sobre o estilo literário adotado por Euclides e, posteriormente, a respeito do seu programa de reformas - verificamos uma conscientização emergente e progressiva desse nosso grande escritor frente aos percalços sociais do Brasil de sua época - a Primeira República. Com seu estilo épico-científico, seu humanismo e sua preocupação nacionalista que lhe são peculiares, Euclides irá influenciar fortemente a geração pré-modernista da literatura em prosa.³

³ Bosi (s.d.), através do texto de Cavalcanti Proença O Sertanejo de Euclides e a Literatura Regional in: *Revista Brasileira*, n.32, cita Alberto Rangel e Carlos Vasconcelos como *discípulos* do estilo euclidiano, por escreverem sobre problemas amazônicos. Desde 1897, a nossa consciência do nacional recebe forte impulso com a fundação da Academia Brasileira de Letras, cujo discurso de abertura fôra feito por Machado de Assis, cujo indiscutível talento conseguiu

Referências Bibliográficas

- BOSI, A. *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- CARDIA, A. L. M. Euclides, Canudos e a Primeira República. *Nas trilhas da pesquisa*, v.7, p. 69-84, 1995-1996.
- CUNHA, E. *Os sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.
- CUNHA, E. *Contrastes e confrontos*. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- GALVÃO, W. N. *Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1985.
- IANNI, O. *A idéia de Brasil moderno*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LEITE, D. M. *O caráter nacional brasileiro: história de ideologia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1992.
- MARTINS, W. A capitã federá ou a cidade e as serras. In: _____. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977-1978, v.5.
- MONTEIRO, D. T. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FAUSTO, B. (Org.) *História geral da civilização brasileira: sociedade e instituições*. 3.ed. São Paulo: Difel, 1985, v.2.
- NOGUEIRA, A. *Antonio Conselheiro e Canudos, revisão histórica: a obra manuscrita de Antonio Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1964.
- OLIVEIRA, F. Euclides da Cunha. In _____. *Literatura no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986, v.4.
- QUEIROZ, M. I. P. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus Ed./Edusp, 1965.
- RODRIGUES, N. A loucura epidêmica de Canudos. In _____. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.
- SEVCENKO, N. *Literatura como Missão: tempos sociais e criação cultural na Primeira República*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

resumir os rumores político-militares do período: "O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária". De outro forma, mas concordante com tais idéias, Joaquim Nabuco referendava: "Na Academia estamos certos de não encontrar a política". Devido às inúmeras discordâncias e desentendimentos políticos, nossos intelectuais buscavam esse *locus* no qual pudessem debater, conversar justamente devido às suas divergências, e não apesar delas, logicamente imbuídos de um *espírito de tolerância*. (Bosi, s.d., p.123)

SODRÉ, N. W. Revisão de Euclides da Cunha. *Revista do Livro* (Rio de Janeiro), v.4, n.15, 1959.

VENTURA, R. Euclides e a Amazônia Infinita. *Folha de S. Paulo* (São Paulo), 19 jun. 1994. Mais!, p. 15-6.